



AS DIFICULDADES IMPOSTAS NO PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS DA ESCOLA PÚBLICA: TECENDO RETALHOS SOBRE DESIGUALDADES, NOVAS POSSIBILIDADES E SONHOS

Vanessa Santos Medeiros¹
vanessaspmedeiros@gmail.com

Marcel Pessey Neto¹
marcel_pessey@hotmail.com

Carolyne Costa Nascimento¹
carolyneoliveira-psicologia@hotmail.com

Silvana do Rosário Menino da Costa²
silvanamenino@hotmail.com

RESUMO: Na sociedade atual a escolha de uma profissão, especialmente durante e após o término do Ensino Médio, tem ocupado um lugar central na vida das pessoas. Desde pequenos, ou até antes das crianças nascerem, os pais traçam planos profissionais, e a sociedade, de forma geral cobra um posicionamento. Contudo, não somos preparados para efetuar esta escolha tão importante e imprescindível em nossas vidas; daí o processo ser conflituoso e sofrível. Visando compreender como se arquiteta o processo de escolha de uma profissão e tencionar as problemáticas que estão por trás desta decisão difícil esta pesquisa foi realizada. Lastreada na abordagem sócio-histórica, foi realizada uma pesquisa aplicada e bibliográfica, devidamente aprovada pelo comitê de ética, numa escola estadual do Recife-PE. Participaram dessa pesquisa cerca de 24 adolescentes, com idade variando entre 15 e 17 anos. Os dados foram coletados por meio de técnicas grupais e a tabulação dos mesmos foi feita por meio da Análise de Conteúdo de Bardin. Foram realizados oito encontros com duração média de 40 minutos cada. Os resultados apontaram para a construção de três classes temáticas e oito categorias. A primeira expressou a escolha profissional sendo dificultada pelo desconhecimento sobre as profissões, salários e suas práticas, pela ausência do trabalho de orientação profissional e pela falta de incentivo. A escola também foi percebida, muitas vezes, como um agente opositor no processo de escolha, sendo percebida como um espaço “do não cuidado” em que há dificuldade na relação aluno x professor x escola. Por fim, também foram vistos como dificultadores da escolha o tempo que se dispõe para decidir e o formato do sistema de ingresso na faculdade – o ENEM. De modo geral, a pesquisa oportunizou debates e reflexões sobre os agentes que perpassam o processo de escolha e desvelaram facetas de uma realidade desigual e marginal. Possibilitou refletir por meio da revelação das desigualdades sociais existentes que o empreendimento da autonomia, igualdade e ingresso ao mercado de trabalho na sua totalidade é algo dificultoso, para estudantes de escola pública, mas algo possível se houver compromisso e empenho do poder público, familiares, escola e tantos agentes que compõem este processo.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Dificuldades na escolha profissional; Escola pública.

¹Graduandos do curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Recife.

²Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Recife.



ABSTRACT: In today's society, the choice of a profession, especially during and after the end of high school, has occupied a central place in people's lives. From a young age, or even before children are born, parents draw professional plans, and society, in general, demands a position. However, we are not prepared to make such an important and essential choice in our lives; hence the process is conflicted and sufferable. Aiming to understand how the process of choosing a profession is designed and to address the issues behind this difficult decision, this research was carried out. Based on the socio-historical approach, an applied and bibliographic research was carried out, duly approved by the ethics committee, in a state school in Recife-PE. About 24 adolescents participated in this research, aged between 15 and 17 years. Data were collected using group techniques and their tabulation was done using Bardin's Content Analysis. Eight meetings were held with an average duration of 40 minutes each. The results pointed to the construction of three thematic classes and eight categories. The first expressed the professional choice being hampered by the lack of knowledge about the professions, salaries and their practices, the absence of professional guidance work and the lack of incentive. The school was also perceived, many times, as an opposing agent in the choice process, being perceived as a "non-care" space in which there is difficulty in the student x teacher x school relationship. Finally, the time available to decide and the format of the college admission system - ENEM, were also seen as hindering choice. In general, the research provided debates and reflections on the agents that go through the choice process and unveiled facets of an uneven and marginal reality. It made it possible to reflect, through the revelation of existing social inequalities, that the undertaking of autonomy, equality and entry into the labor market in its entirety is difficult for public school students, but something possible if there is commitment and commitment from the government, family members, school and so many agents that make up this process.

KEYWORDS: Adolescence; Difficulties in professional choice; Public school.

INTRODUÇÃO

A orientação profissional teve em seu início uma prática fundamentada na idealização de um sujeito ahistórico, entendido como um ser de aptidão e desempenho, com práticas desenvolvidas através de testes psicológicos que privilegiavam espaços de acesso a população favorecida economicamente (OLIVEIRA, 2000). Na contemporaneidade, tais práticas têm sido rompidas e a psicologia vive a amplificação do seu espaço de atuação; alcançando progressivamente a população historicamente por ela e pelo Estado marginalizadas (GONÇALVES, 2010). Esta prática tem se dado a partir de diversos paradigmas teóricos o que permitem vislumbrar a complexidade e diversidade que envolve a temática, assim como os sujeitos que efetuam as escolhas.

Na nossa sociedade tem-se a adolescência e juventude como momento especial para a efetuação da escolha. Momento em que o sujeito passa por uma fase de múltiplas mudanças, dentre elas: biológicas, psíquicas e sociais; acompanhadas de um momento de transição em que o jovem permeia a infância e tende a se inclinar a pensar numa profissão. Inseguranças, medos e objeções por vezes permeiam esta decisão pautada em sofrimentos e dificuldades plurifacetadas (SOARES, 2006).

Para Bock (2013), a escolha está além de uma metodologia fundada em um indivíduo subjetivo, mas sim, compreendido por ser constituído de múltiplos fatores, dentre estes família, educação, política, projetos pessoais e profissionais, além de características e habilidades individuais. Assim, faz-se fundamental apreender as influências advindas da cultura, da família, religião, condição social e também da escola nesse processo. Todos estes aspectos constituem a identidade do orientando.

Considerando o cenário em tela esta pesquisa foi desenvolvida a partir de um projeto de iniciação científica - PIBIC intitulado "A Orientação Profissional e seu papel ativo na inclusão de jovens da escola pública do Recife" no Centro Universitário Estácio do Recife/PE. Nele buscou-se identificar as dificuldades que permeiam a escolha de uma profissão dos jovens do 2º na cidade de Recife/PE.

Segundo Lucchiari (1993 *apud* ALVIM e MENIN 2011), oferecer amparo e apoio



a escolha profissional de um jovem é facilitar a compreensão sobre a realidade a qual está inserido, possibilitando o acesso as informações sobre as dificuldades e perspectivas do mundo do trabalho. Valore (2002), por sua vez, acredita que a prática da orientação profissional em escolas públicas permite ao psicólogo analisar os mitos em torno do êxito e do fracasso daqueles alunos, favorecendo o exercício das escolhas dos sujeitos de forma ativa pertinente, contextualizada e mais ou menos autônoma.

O material coletado gerou 3 classes temáticas e 8 categorias. A primeira foi nomeada como: “A importância de falar sobre as profissões”, que gerou as seguintes categorias: “O desconhecimento sobre as profissões, salários e suas práticas”, “Ausência do trabalho de Orientação Profissional” e “Sem incentivo, quem consegue?”. A segunda classe foi sobre a “Escola como agente opositor no processo de escolha”, com as categorias: “Há escasso cuidado por parte da instituição de ensino” e sobre a “Dificuldade na relação aluno x professor x escola”. A terceira classe temática foi a seguinte reflexão: “Ensino integral: Atraso ou facilitador?”, que contou com as categorias: “O tempo como obstáculo” e o “Sistema Seletivo – ENEM”.

As classes e categorias apresentadas surgiram através das falas dos jovens durante os encontros, sendo trabalhadas e refletidas por diferentes técnicas, o que propiciou um feedback por parte dos alunos através da técnica de encerramento do último encontro, no qual foi proposto que escrevessem sobre como foi para eles cada encontro e o que apreenderam desses momentos. Foi pontuado que se sentiam gratos pela oportunidade de desenvolver essa atividade com eles. Foi mencionado que os encontros e as atividades desenvolvidas propiciaram reflexões distintas formas de se perceberem, além de identificar as dificuldades e repensar suas escolhas.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica e aplicada. De acordo com GIL (1999), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida exclusivamente mediante material já elaborado, como livros e artigos científicos. Esta funciona como alicerce de toda produção científica partindo do material já publicado sob rigorosa, racional e sistemática técnica. Conforme Vergara (2007) a pesquisa aplicada conjuntamente busca produzir conhecimento e promover uma transformação social na realidade ou objeto estudados. Neste caso, visou-se entender sobre o processo de escolha dos jovens de uma escola pública ao mesmo tempo em que buscou auxiliar os jovens participantes a compreender suas situações específicas de vida; desenvolvendo estratégias que os favorecessem a escolher de forma mais adequada.

O método que embasou a pesquisa foi o qualitativo que de acordo com Raupp e Beuren (2006), descreve a complexidade do tema, analisa a interação e as variações, além de compreender e classificar os processos dinâmicos vividos pelos grupos sociais. As lentes teóricas lançadas sobre os sujeitos participantes da pesquisa e do material coletado partiram da teoria Sócio-Histórica que “permite reconhecer o conjunto das relações sociais tais como se apresentam num momento histórico” (OZELLA & SANCHEZ, 2011, p. 153) compreendendo-as não pelo caráter natural do mundo, mas pelos processos sociais que as determinam. Desta forma, a abordagem sócio-histórica permite “um avanço na compreensão do indivíduo como ator e ao mesmo tempo autor de sua individualidade” (BOCK, 2013, p. 67).

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual da cidade do Recife-PE com estudantes do 2º ano do Ensino Médio. Participaram uma média de 24



adolescentes, com idade variando entre 15 e 17 anos. Os critérios de participação do estudo se deram através de um acordo com o diretor da escola com os alunos, ao qual selecionou os jovens do 2º ano do Ensino Médio que tivessem interesse em participar do projeto. Aos que se dispuseram em participar, foi efetivado um contrato de convivência em que eles mesmos ditaram o que seria agradável fazer ou falar durante os encontros e quais as posturas que não seriam aceitas. Na coleta de dados, optou-se pela realização de oficinas pautadas na metodologia de grupo provocando, assim, o compartilhamento de sentimentos, dúvidas, informações com relação ao futuro profissional. Viu-se que tal método também ajudou os jovens a refletirem sobre si próprios e também auxiliarem seus pares no conhecimento que cada participante busca de si mesmo. Nos encontros foram utilizados diversos materiais tais como: papel, cartolina, caneta, caixa de som, fitas e balões. Em alguns encontros foram realizadas palestras com profissionais e/ou estudantes de profissões e cursos aos quais os alunos relataram algum tipo de interesse. A coleta durou dois meses, sendo realizado oito encontros, um por semana. Cada encontro teve duração média de 40 minutos.

Os dados coletados foram analisados através da metodologia de Análise de Conteúdo que consiste em uma técnica que pode ser aplicada tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, sendo que, na primeira, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, enquanto que na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é levado em consideração (BARDIN, 1977).

Após o interesse em desenvolver o projeto, o presente estudo foi submetido a avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, momento em que se procedeu a realização dos encontros e oficinas com os jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o projeto científico ter sido aprovado pelo comitê de ética, todo o calendário proposto foi cumprido dentro dos prazos previstos. Cada encontro passou a ser um grande desafio, uma vez que as dificuldades surgiram e se referiram a administração das intervenções, pois o grande grupo de estudantes eram agitados, e durante a maioria dos encontros se fez necessário interromper as atividades para pedir silêncio e atenção, visto que conversavam e brincavam frequentemente. No entanto, com o decorrer das intervenções, foi possível desenvolver as atividades propostas e de certo modo, os objetivos se tornaram atingíveis.

O material coletado gerou 3 classes temáticas e 8 categorias. A primeira foi nomeada como: “A importância de falar sobre as profissões”, que gerou as seguintes categorias: “O desconhecimento sobre as profissões, salários e suas práticas”, “Ausência do trabalho de Orientação Profissional” e “Sem incentivo, quem consegue?”. A segunda classe foi sobre a “Escola como agente opositor no processo de escolha”, com as categorias: “Há escasso cuidado por parte da instituição de ensino” e sobre a “Dificuldade na relação aluno x professor x escola”. A terceira classe temática foi a seguinte reflexão: “Ensino integral: Atraso ou facilitador?”, que contou com as categorias: “O tempo como obstáculo” e o “Sistema Seletivo – ENEM”.

1 A IMPORTÂNCIA DE FALAR SOBRE AS PROFISSÕES

1.1 O desconhecimento sobre as profissões, salários e suas práticas



De acordo com Lehman (2005) apud Ribeiro (2005), um dos fatores causadores de desistências dos cursos universitários está relacionado a uma escolha precoce e carente de informações sobre o curso escolhido. Durante as observações, foi possível constatar o não conhecimento por parte da maioria dos alunos sobre as possíveis profissões e caminhos para se chegar a elas. A maioria pouco sabia sobre as profissões nas quais tinha interesse e não identificou de forma clara suas dificuldades frente à escolha profissional. Dos 24 jovens, apenas dois, que estavam presentes em sala, tinham conhecimento sobre o vestibular seriado da UPE¹. Quando perguntados sobre o motivo de não ter realizado o exame, uns disseram “não ter conhecimento”, outros disseram “não ser necessário”.

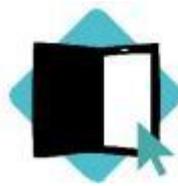
Desse modo, a equipe identificou a necessidade de modificar algumas técnicas previamente preparadas e a maneira que seriam desenvolvidas. Assim, no segundo encontro a equipe levou um estudante de medicina da UPE para falar sobre sua experiência no curso e como foi sua jornada pré-vestibular. Alguns alunos que se diziam interessados em medicina ficaram muito atentos a tudo o que era dito e fizeram muitas perguntas. Ele esclareceu dúvidas em relação à média salarial, funções desempenhadas, áreas de atuação, planos de cargos e carreira, sobre as diversas maneiras de acessar o mercado de trabalho para além do vestibular, como, por exemplo, concursos públicos. Disse ainda, que conseguiu entrar através do vestibular seriado e, quando questionado sobre sua nota, percebemos um semblante de desânimo em um dos alunos que tinha interesse no curso. Em seguida, ele verbalizou que seria muito difícil conseguir entrar. Percebeu-se que, apesar de técnicas serem elaboradas pensando numa melhor forma de construir conteúdo e trazer reflexões, o momento em que a maioria dos alunos se mostrava mais atento era justamente quando algum estudante/profissional estava ali, tirando dúvidas e falando sobre sua prática (do segundo encontro em diante foram levados profissionais/estudantes das mais diversas áreas para que eles tivessem um mínimo de contato e informação). Para o grupo, isso reforçou ainda mais a ideia de como eles eram carentes desse tipo de informação.

Segundo Bohoslavsky (1998) a escolha de uma profissão, vai além da escolha propriamente dita, é compreender todo o contexto, com “o que” trabalhar, “para que” fazê-lo, “quando” e “onde”, escolhendo um “como” para então se adentrar em uma carreira. Partindo desse pressuposto, compreende-se a escassez de esclarecimentos como um grande obstáculo.

¹ Corresponde a um processo seletivo de vestibular em que os alunos passam por avaliações a partir o 1º ano do ensino médio. O cálculo embasado nas notas do 1º, 2º e 3º ano resultará em aprovação ou não no ensino superior nesse processo.

1.2 Ausência do trabalho de Orientação Profissional

Mesmo que a atividade desenvolvida pelo orientador profissional possa ser aplicada em qualquer fase da vida do indivíduo, diferente dos rumores compartilhados



pelo senso comum, em que uma escolha profissional é compreendida como algo a ser pensado exclusivamente na adolescência, o mesmo é um processo que perpassa toda a vida. Embora se torne mais evidentemente marcante na adolescência, é imprescindível que seja trabalhada em todas as fases de desenvolvimento profissional (SOARES, 2002; MENINO, 2017).

De acordo com Almeida e Pinho (2008) a Orientação Profissional pode facilitar aos jovens um entendimento sobre todos os fatores que permeiam essa escolha. Além de desenvolver um trabalho direcionado, propiciando suspensão de fundamentos instaurados no âmbito social. A inexistência do trabalho de orientação profissional, por outro lado, restringe possibilidades e expõe o sujeito a mais uma, dentre tantas dificuldades a serem enfrentadas, podendo ter como consequência, uma escolha irracional, motivada pela falta de conhecimento.

De acordo com Lucchiari (1993), oferecer amparo e apoio a escolha profissional de um jovem é facilitar a compreensão sobre a realidade a qual está inserido, possibilitando o acesso as informações sobre as dificuldades e perspectivas do mundo do trabalho.

No decorrer das intervenções, mais precisamente em algumas técnicas como “agradecimento” ou a que solicitava mencionar uma palavra para definir como estavam se sentindo, houveram falas como “gratos pelo trabalho desenvolvido com a gente”; “agora consigo pensar de uma maneira diferente”; “não sei se quero mais a profissão que pensei que queria”, ou até mesmo, “agora tenho certeza do que eu quero fazer”. Desta feita, foi apreendido a relevância da orientação, no sentido de informar, clarificar as ideias, provocar reflexão sobre o que influencia e o que dificulta diretamente, para que essa escolha seja de fato compreendida em seus aspectos multifacetados.

1.3 Sem incentivo, quem consegue?

Durante um dos encontros falou-se sobre a relevância do incentivo/estímulo. Isso também está interligado ao envolvimento da escola na prestação de informações à respeito da valorização dos estudantes enquanto indivíduos subjetivos, além do apoio vindo da família para com eles. Era bem presente na fala deles a omissão da escola nesse processo, situação em que deveria estar amplamente envolvida.

Ter que escolher, requer renúncias. Levenfus (1997) pontua que a escolha representa também, de certo modo, uma despedida, um luto; decidir é na verdade um ato de coragem demandando apoio e incentivos diversos (BOCK, 1997; SANTOS, 2005). O incentivo referido pelos estudantes referiu-se ao esclarecimento de informações, acolhimento e compreensão nas dificuldades com as disciplinas.

A efetividade para que essa fase seja vivenciada de maneira mais saudável possível, se dá no acompanhamento dos jovens cotidianamente, nas opções para possíveis decisões de carreira, no relacionamento escolar e nos impasses adversos com os quais os adolescentes se deparam. De acordo com Oliveira (2000), a comunicação visa esclarecer sobre questões do mundo do trabalho, despertar a atenção para as dificuldades existentes, e ainda, incentivar a participação em experiências de exploração vocacional.



Sempre que questionados sobre a presença da família no processo, a grande maioria se dizia estar bem amparado. Mas, tendo em vista que a maioria ainda parecia estar numa fase pouco tangível do processo, esse apoio ainda não teria sido devidamente “testado”. Um dos jovens trouxe que seu pai tinha o desejo que ele fizesse determinado curso, tendo ele o desejo de outro. Mas havia uma necessidade de agradar o pai e, dessa forma, conseguir o seu total apoio, visto que ainda que o pai dissesse que entenderia caso optasse por fazer outra coisa, no íntimo, ele dizia saber que o pai não estaria totalmente satisfeito. Assim, percebeu-se que a necessidade do incentivo está latente em todo o processo.

2 ESCOLA COMO AGENTE Opositor NO PROCESSO DE ESCOLHA?

2.1 O cuidado por parte da instituição de ensino

De acordo com Soares (1993, p. 147) Orientação Vocacional “compõe o processo de educação, ou seja, a escolha deveria estar definitivamente implantada no desenvolvimento do jovem quanto estudante como atividades dinâmicas, multifária ao período instrução mais abrangente”.

O papel que a escola exerce na fase de desenvolvimento desses jovens foi sentido como significativo. Alguns estudantes disseram “não se sentirem cuidados no aspecto escolha profissional por parte da escola”; poucos disseram “ter esse apoio por parte da escola”. Segundo Araújo (2005) é necessário averiguar se os alusivos teóricos didáticos fundamentais dispõem dessa atenção e consideram apreender a realidade vivenciada pelo grupo e suas progressivas transformações.

A escola deve ser um espaço de troca, onde o adolescente tem a possibilidade de partilhar seus conflitos, possibilitando autonomia em suas escolhas. Porém, a escola está aquém de exercer esse papel, uma vez que, geralmente as atividades de orientação profissional como a proposta, só vem ocorrer por volta do terceiro ano do ensino médio, de maneira fragmentada e superficial, visto que, não é uma atividade compreendida como obrigatória no currículo escolar (SOARES, 2002). E se tratando de alunos oriundos da rede pública de ensino, em que existe uma desigualdade alarmante no país ao qual se está inserido, torna-se muito mais complexo. Esses jovens necessitam desse cuidado, de um olhar para além das orientações mecânicas teóricas básicas previstas pela grade curricular referente ao grau de escolaridade. Assim, faz-se necessário uma postura acolhedora, que ampare, ajude a discernir e respeite as decisões tomadas.

2.2 Dificuldades na relação aluno x professor x escola

De acordo com as atividades desenvolvidas com os adolescentes, baseado nas percepções advindas das observações no decorrer dos encontros, o grupo de pesquisa identificou que a relação aluno, professor e escola, nem sempre é um facilitador para esses jovens em questão, uma vez que apresentaram falas a esse respeito cerca de 8 dos 24 participantes.

A maioria dos alunos expôs não se sentirem cuidados ou apoiados pela instituição de ensino, ou pelos profissionais de educação, com exceção ao professor de matemática. Os estudantes trouxeram em suas falas que sentem como se a relação aluno, professor e escola, fosse meramente para cada um cumprir seu papel mais básico previsto nas diretrizes curriculares, não havendo um cuidado para além disso. Nos debates sobre qual



o papel da escola nessa escolha profissional, dentre algumas pontuações, foi dito em forma de queixa que é frequente a ausência das aulas no período integral, limitando acesso ao conteúdo tornando tudo cansativo e desestimulante, em que a escola deve ser um agente facilitador nessa construção referencial na orientação dos alunos.

Para Silva (1997) existem diversas possibilidades para o progresso de propostas em orientação profissional. Ainda assim, os jovens pontuaram a falta de contato com o trabalho de orientação profissional, apontando a relevância do trabalho na escola, possibilitando reflexão e compreensão sobre essa decisão a ser tomada.

3 ENSINO INTEGRAL: ATRASO OU FACILITADOR?

3.1 O tempo como obstáculo

Para Ribeiro (2003), uma provável conduta das instituições de ensino dependeria da inclusão à grade curricular das escolas e das disciplinas que possibilitem uma familiaridade gradativa com o mundo do trabalho; podendo assim expandir suas capacidades, além de propiciar fazer escolhas e delinear projetos.

O processo docência e aprendizagem no Brasil têm sido administrados de forma mecânica e meramente teórica, o aluno se torna um indivíduo passivo, um comum ouvinte; limitando assim o desenvolvimento das potencialidades desse sujeito.

Dos jovens da escola, foi dito que “o ensino integral os impossibilitava de estudar outras coisas específicas para vestibular ou concurso”. Outros estudantes “não conseguiam opinar, achavam que era bom e que não viam como nada negativo”. Àqueles que se queixaram do sistema integral, além de citar que o foco das “disciplinas integrais não tinham nenhuma relação com disciplinas do vestibular”, pontuaram como ruins as aulas vagas. Os estudantes ainda mencionaram como agente de dificuldades o tempo: “passamos o dia todo na escola, não dá para se dedicar a outras coisas”. Outro aluno ainda disse: “Quero ser jogador de futebol, e perco o treino porque tenho aula o dia inteiro”, outros alunos mencionaram a “rotina cansativa” e a correria.

Em uma das técnicas aplicadas, os adolescentes expuseram conteúdos negativos para essa modalidade de ensino integral por ter “aulas vagas”, “rotina cansativa”, “correria” desembocando na desigualdade de oportunidades. Uma das integrantes disse que “era preciso fazer acontecer com o que se tinha, mesmo sendo pouco”.

3.2 Sistema Seletivo – ENEM

O Exame Nacional do Ensino Médio atua como porta de entrada para maioria das universidades públicas brasileiras. Porém, desde sempre, mantém dois pesos e duas medidas, assim como qualquer meio de acesso para as universidades quando se trata de alunos de rede pública de ensino no quesito igualdades de oportunidades. De acordo com Nogueira (2002) a escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior e que avaliaria os alunos a partir de critérios universalistas, mas, ao contrário, seria uma instituição a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes.

Para Souza (1999), o ENEM como meio de seleção e avaliação se instituiu como uma ótica restrigente, em que a essência não diz respeito a trajetória trilhada pelo aluno para estruturação dos conhecimentos na construção da metodologia educacional,



mas sim, com ênfase nos desfechos.

Estudos apontam que os sujeitos não concorrem de maneira igualitária dentro da instituição de ensino. Para Pierri Bourdieu, (2007), cada indivíduo tem uma experiência educacional diversa, integrada por componentes objetivos e subjetivos, o que pode facilitar ou não o sucesso escolar do sujeito.

Em um dos encontros uma adolescente relatou que “tinha medo da prova do Enem, mais do que exercer a profissão”. Outro aluno chamou a avaliação de injusta por haver “desigualdade de oportunidades”. Durante as discussões, outros alunos disseram que o ENEM “é injusto, não sendo a melhor forma de avaliação”, mas sem maiores explicações. Posteriormente, uma aluna citou a “desigualdade entre a orientação dada a alunos de escolas privadas comparada às escolas públicas”. Além de condições financeiras para arcar com custos de um curso preparatório para esse processo seletivo. Durante as reflexões, apenas uma aluna disse que não enxerga como injusto, para ela, conseguir a tão esperada aprovação por meio da prova de Enem depende do esforço de cada um.

Nessa intervenção foram pontuados diversos aspectos que envolvem o ENEM, as técnicas foram voltadas para as reflexões, apontando as dificuldades trazidas pelos próprios alunos, dentre estas, os desafios que permeiam essa metodologia, mostrando que se trata de algo para além a força de vontade, provocando debates e pontuando argumentos que pudessem fundamentar os fatores que permeiam essa fase.

CONCLUSÕES

Enquanto uma pesquisa aplicada esta buscou atingir seus objetivos por meio da realização de ações e oficinas no interior de uma escola estadual pública do município do Recife-PE. Os resultados apontaram para a construção de três classes temáticas e oito categorias. A primeira expressou a escolha profissional sendo dificultada pelo desconhecimento sobre as profissões, salários e suas práticas, pela ausência do trabalho de orientação profissional e pela falta de incentivo. A escola também foi percebida, muitas vezes, como um agente opositor no processo de escolha, sendo percebida como um espaço “do não cuidado” em que há dificuldade na relação aluno x professor x escola. Por fim, também foram vistos como dificultadores da escolha o tempo que se dispõe para decidir e o formato do sistema de ingresso na faculdade – o ENEM.

Conforme mencionado anteriormente, o desenvolver dos encontros foi de um modo geral laborioso, uma vez que as expectativas estavam voltadas a um grupo que deveriam estar vivenciando o momento da escolha profissional. No entanto, por serem estudantes do 2º ano do Ensino Médio, foi identificado que muitos ainda não haviam pensado na escolha de sua profissão, ficando claro que para eles a escolha ainda estava no plano ideal e não no concreto. Algo preocupante visto que a escolha deve estar presente em todas as etapas da vida do sujeito e que será cobrada em alguma medida pela sociedade num futuro próximo, no 3º ano do Ensino Médio.

Viu-se que mesmo dispondo de informações e um repertório extenso de profissões, os jovens carecem de um suporte especializado para escolher de forma acertada, principalmente os jovens de escola pública; tantas vezes desassistidos pela sociedade e pelo Estado. Desta forma, compreender as especificidades que perpassam o processo de escolha destes jovens da escola pública poderá contribuir na construção de estratégias que contemplem estas necessidades e produzam o exercício pleno da cidadania dos mesmos.



De forma geral, pode-se concluir que esta pesquisa ajudou estes jovens a pensarem sobre suas escolhas, fazendo-os compreender o que os levava a decidir por determinado campo, interligando dimensões internas de si, bem como, informações sobre as profissões, questões sobre o mercado de trabalho e as suas possibilidades econômicas e sociais.

Além de produzir conhecimento acerca dos determinantes que interferem e constituem a escolha profissional destes jovens, esta pesquisa propiciou o exercício da reflexão e a construção de estratégias para a efetivação de uma escolha pertinente, contextualizada e mais ou menos autônoma. Esta pesquisa, desta feita, pode, assim, enriquecer o campo teórico sobre a escolha para jovens de escola pública, demonstrando seu comprometimento não só com a produção de conhecimento, mas também, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento local e a inclusão social destes sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.E.G.G., Pinho, L.V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v.20 n.2, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652008000200013&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 24/08/2019.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BOCK, A. *Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites*. In: BOCK, Ana. *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2009.

BOCK, S. *Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2013.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1999.

LUCCIARI, D. H. O que é Orientação Profissional? In: LUCCHIARI, D. H. (Org.), *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp. 11-16). São Paulo: Summus editorial, 1993.

MENINO, S. A orientação profissional na comunidade: desafios para o/a profissional da psicologia. In: LINS, F. FARIAS, S. MENEZES, W. *Reflexões em psicologia: múltiplos olhares*. Recife: Libertas, 2017.

SOARES, Dulce. As diferentes abordagens em orientação profissional. In: LISBOA, Marilu; SOARES, Dulce. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus, 2000.

SOARES, Dulce. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.



OLIVEIRA, I. Orientação Profissional no contexto atual. In: OLIVEIRA, I. *Construindo caminhos: experiências e técnicas em orientação profissional*. Recife, editora universitária, 2000.

OZELLA, Sérgio; SANCHEZ, Sandra. Breve histórico do desenvolvimento da pesquisa na perspectiva sócio - histórica na PUC-SP. In: *A Psicologia Sócio-Histórica*. BOCK, Ana & FURTADO, Odair. Ed. Cortez, 2011.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. *Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VALORE, L. A. Orientação profissional em grupo na escola pública: Direções possíveis, desafios necessários. In: LEVENFUS, R.S; SOARES, D.H. P; COLS. *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VERGARA, Sylvia, C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 9ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2007.